

O Portugal que



1930 Cidade balnear na Costa de Caparica

Se vamos falar de projetos que nunca foram concretizados, não podemos deixar de referir o do arquiteto Cassiano Branco, nascido em 1897, que transformava a Costa de Caparica numa cidade balnear idílica... Um canal-rio-piscina paralelo ao oceano Atlântico, destinado à prática de desportos náuticos e banhos, atravessado por uma série de pontes em arco, e, na cidade propriamente dita, grandes avenidas para a circulação automóvel, par-

ques de estacionamento, hotéis tais pirâmides astecas, um casino, um estádio, jardins... Um projeto singular, modernista, de um traço que até o autor tinha dificuldade em enquadrar. “Em nossos dias, o poder inventivo e a produção são tão velozes, que posso asseverar que o tempo decorrido, entre a elaboração de um projeto até ao acabamento da respetiva construção é ultrapassado pelo progresso técnico em todos os domínios. A experiência diz-me que se torna difícil, se não impossível, caracterizar o estilo da nossa época de rápido progresso, pela razão simples de não termos tem-

po para o definir e fixar”, dirá, em 1952, numa entrevista ao “Diário de Lisboa”. Quatro décadas mais tarde, quando o cinema Éden, em risco de ser demolido, abriu as portas para mostrar a obra do seu arquiteto, lia-se no Expresso: “Com a proposta para este local — que só muitos anos mais tarde viria a ser alvo de interesse do poder político e da especulação imobiliária — e a organização a pensar no automóvel, Cassiano Branco demonstrou uma visão muito à frente da sua época. Para o bem ou para o mal, uma utopia”. Na verdade, a cidade balnear nunca passou do papel, mas as

estava para ser

Projetos, ideias, esquemas megalómanos, contratos duvidosos, quimeras... De cidades utópicas a parques de diversões, 16 propostas que foram anunciadas com pompa e circunstância mas que nunca passaram das intenções. TEXTO DE ANABELA NATÁRIO



MANHATTAN DE CACILHAS PARA A MARGUEIRA, A ZONA ONDE FICAM OS ESTALEIROS DA LISNAVE, OS ARQUITETOS MANUEL GRAÇA DIAS E EGAS JOSÉ VIEIRA TINHAM PREVISTO EDIFÍCIOS COM O TRÍPLO DA ALTURA DO CRISTO-REI

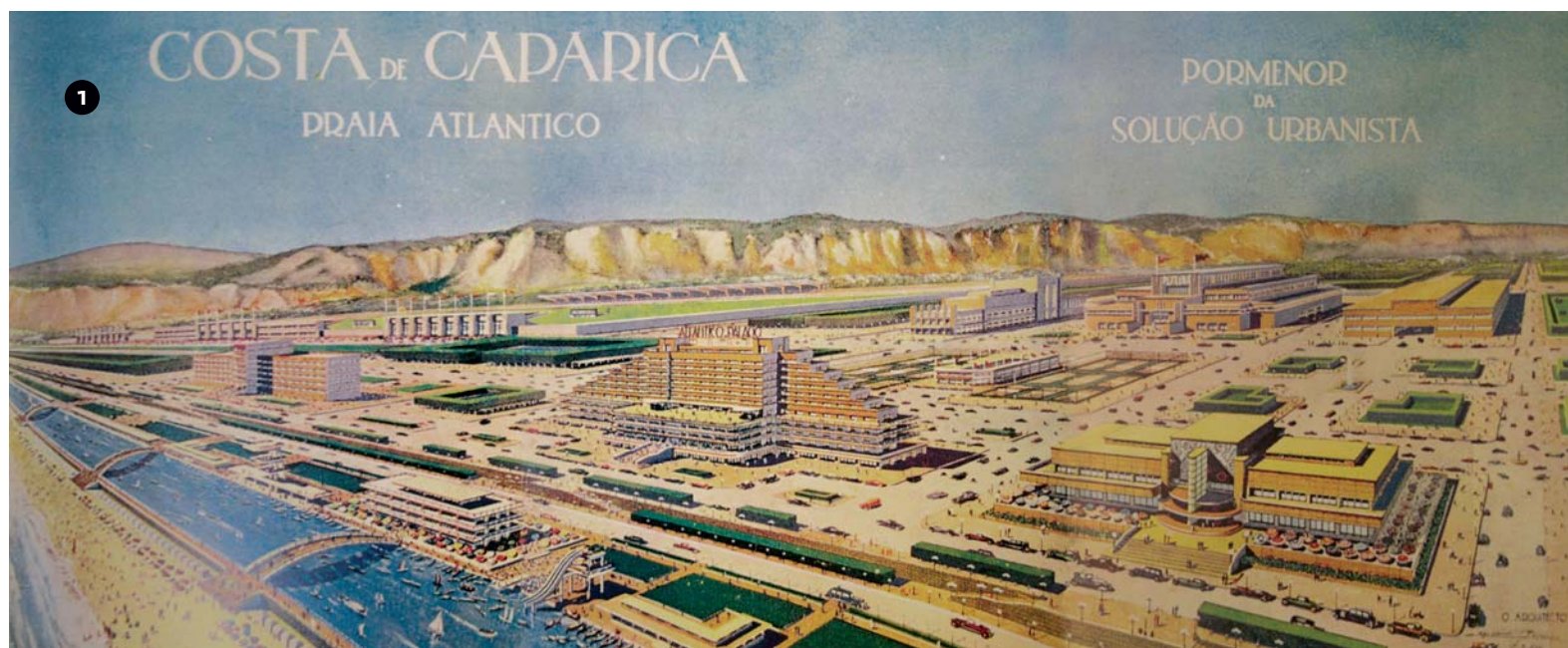
razões podem ter sido duas: uma visão demasiado futurista ou o efeito de um lóbi poderoso que temia que a Costa de Caparica aniquilasse a Costa do Estoril.

1931, 2005, 2007, 2009 Hollywood em Portugal

A primeira vez que se pensou que ficaria muito bem em Cascais um conjunto de estúdios para fazer cinema foi no início da década de 30 do século passado e, mais uma vez, graças ao arquiteto Cassiano Branco. A ideia da “Ci-

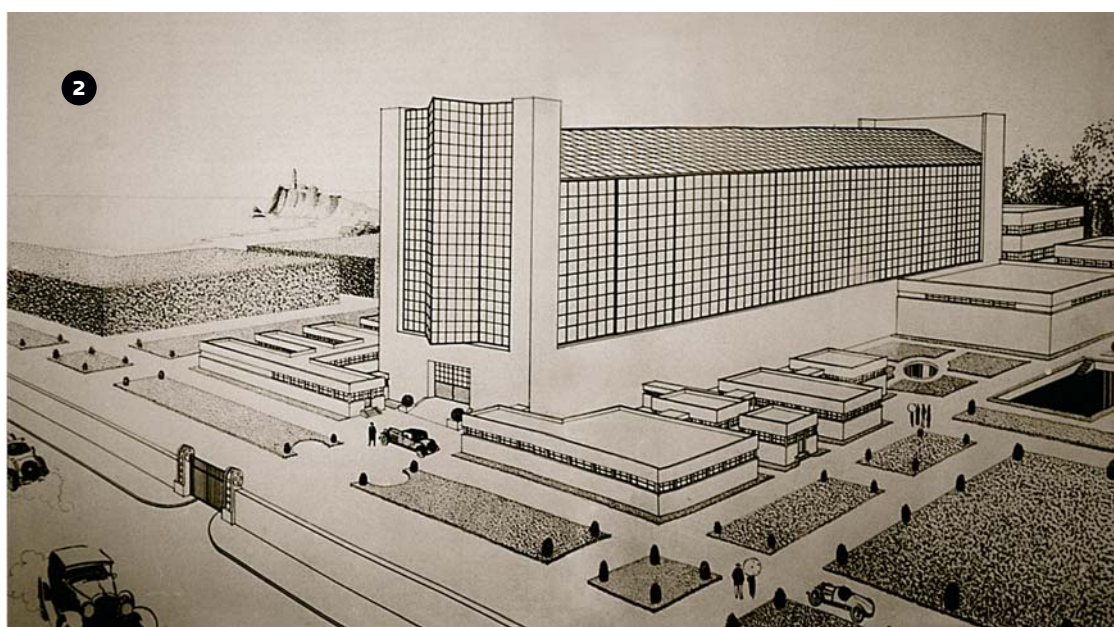
té do Film Portugais”, como se chamou dada a influência francófona à época, ficou congelada até... voltar-se a falar no assunto para o mesmo concelho, em 2005, desta feita para se transformar num “Hollywood à portuguesa”. A partir daqui, a ideia tem viajado pelo país de tal modo que só por si poderia dar um filme. E passou para o Barreiro. O projeto assemelhava-se ao de Cascais, seria um investimento de 300 milhões de euros para construir 17 estúdios, um deles subaquático, e um polo universitário que prometeriam empregar nove mil pessoas. O promotor do pro-

jeto, o luso-americano Carlos Mattos, já convencera o executivo camarário. Passados três anos, a autarquia anunciaria o arranque das obras para 2009, nos terrenos da Quimiparque. Ainda hoje espera que o empresário galardoado com o Prémio do Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa os volte a contactar. Em 2006, o grupo Prisa, que detinha a TVI, prometia um investimento de 50 milhões para Sintra e por aí ficaria. Enquanto isso, o ator Nicolau Breyner, juntando-se ao presidente da Associação Comercial do Distrito de Beja, António Saleiro, sonhava



1. A CIDADE BALNEAR, O PROJETO DO ARQUITETO CASSIANO BRANCO PARA TRANSFORMAR A COSTA DE CAPARICA, NOS ANOS 30 DO SÉCULO PASSADO

2. TAMBÉM DA AUTORIA DE CASSIANO BRANCO E DA MESMA ÉPOCA, A "CITÉ DU FILM PORTUGAIS", SONHADA PARA CASCAIS 3. A CIDADE DO FUTURO QUE TALVEZ AINDA SURJA EM PAREDES 4. UM DOS EDIFÍCIOS DE FRANK GEHRY PARA O PARQUE MAYER 5. DOS ARQUITETOS SIZA VIEIRA, LUÍS MENDES E CARLOS CASTANHEIRA, AS TORRES DE ALCÂNTARA 6. AS OBRAS PARA AS FÁBRICAS DE ALEXANDRE ALVES, A CONSTRUIR EM ABRANTES, AINDA CHEGARÁ A ARRANCAR...



em transformar todo o Baixo Alentejo numa “região do cinema” para a vender a um grupo de empresários franceses e norte-americanos. Os estúdios seriam construídos em 100 hectares, perto de Beja, mas o grande objetivo era “procurar cenários naturais”. “A ideia de uma ‘Cidade Cinema’ já não faz sentido. Há que evoluir para uma região demarcada de cinema”, defenderia o produtor António Pereira Dias, outro dos ideólogos. Entretanto, não acreditando nesta ideia nem nos exemplos conhecidos, a cidade de Portimão chamou a si a responsabilidade de, finalmente, erguer no país uma... “Media Park” e, em maio de 2009, a Câmara e o ator Joaquim de Almeida tentaram convencer a Universal Studios e a CBS Paramount a investir 750 milhões de euros na construção de um parque de diversões e de um complexo cinematográfico,

numa área de 150 hectares junto ao autódromo do Algarve... Parece que ainda não perderam a esperança.

1982 Luna Park

“Um teleférico, um *rail coaster* (montanha-russa ainda mais russa que as outras, com *looping*), um *flume-ride* (canal de água com subida e descida), um barco ‘pirata’, um baloiço gigante, vários restaurantes, sendo um deles panorâmico, um anfiteatro com capacidade inicial para 800 pessoas e carro de exteriores à porta para eventuais transmissões TV, um centro de animação cultural com exposições permanentes, um centro comercial: tudo isto será, no verão de 1984, o “Luna Park” de Lisboa, sito a Sete Rios, contíguo portanto ao Zoo”. A notícia dava-a “O Jornal” a 1 de outubro de 1982, mas nunca ali

‘nasceria’ nada parecido, sequer, com um parque de diversões, cujo investimento rondava o milhão de contos (cinco milhões de euros) — “Um Luna Parque poderá ser uma escola de ciências espaciais e atrai mais gente do que uma grande roda”, dissera o presidente da Câmara Municipal Nuno Krus Abecasis. O mais interessante é que, quatro dias antes, a 28 de setembro, tinham arrancado as obras de infraestruturas na presença de jornalistas. E, no ano anterior, a 28 de maio, fora criada com grande pompa e circunstância, nos Paços do Concelho, a Sociedade Luna Parque. Os sócios eram, com 70 por cento, a Exportrade, uma empresa que se dizia vocacionada para empreendimentos e comércio internacional, a Câmara Municipal, com 20 por cento, e o Jardim Zoológico detendo o restante. Recuando mais um ano, no final do mês de



junho, Abecasis, ao anunciar os seus projetos, fora perentório: “Tenciono conseguir que, para o ano (1981) o Luna Park já esteja construído e possa funcionar em vez da Feira Popular”. Nunca o conseguiria.

1999 Manhattan em Cacilhas

Durante anos, aqueles 49 hectares da Margueira foram o estaleiro da Lisnave. Ao desativarem a indústria, o espaço passou a ser um cenário bom para filmes de guerra ou de ficção científica. Era preciso, portanto, fazer ali alguma coisa. E assim nasceu o projeto que ficaria conhecido por “Manhattan de Cacilhas”. A proposta dos arquitetos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira era um bairro com um milhão de metros quadrados de área de

construção, em que se destacavam edifícios de 80 metros, altura três vezes superior à do Cristo-Rei, também em Almada. “Torres enormes ao sol da manhã, torres brilhantes ao sol da tarde, torres de perfis esbeltos, orientadas sobre aquele xadrez vago que antes fora suporte de armazéns e docas, torres violentas como os violentos e enormes navios que encheram a Margueira, soberbos volumes que entraram e saíram, habitando essa paisagem de Lisboa, habituando-se à paisagem de Lisboa”, sustentavam os autores. E foram chumbados, à data por José Sócrates, ministro do Ambiente, que considerou excessiva a volumetria dos prédios. Para Graça Dias, segundo disse já este ano ao “Público”, “o projeto foi abandonado, porque há um certo atavismo e uma certa confusão relativamente à construção em altura. Há uma ideia muito redutora,

sobretudo à esquerda, de que a construção em altura é pura especulação imobiliária”. Ora, morta a “Manhattan de Cacilhas”, a Sociedade Margueira Capital arranhou, em 2001, outra solução que passou também a fazer parte dos projetos desfeitos ou congelados e ficou para os anais com o nome de Torre Biónica. Trocava-se, então, todos os arranha-céus de Graça Dias por um edifício com 120 pisos e meio quilómetro de altura (mais alta do que o Empire State Building), projetado pelo espanhol Javier Píoz, o mesmo que criou a primeira “cidade vertical” do mundo. Três anos depois, surgiu outra ideia, a “Almada Nascente Cidade da Água”. Ocuparia uma área de 120 hectares, os edifícios teriam uma altura média de sete a oito andares e uma máxima de 35, albergaria dez mil habitantes e proporcionaria 15 mil postos de trabalho...



1. MAQUETA DO "LUNA PARK", UM LUGAR DESTINADO AO DIVERTIMENTO E LAZER QUE NUNO ABECASIS PROMETEU CONSTRUIR EM LISBOA
2. "SINTROLÂNDIA", O GRANDE PARQUE DE DIVERSÕES QUE ESTEVE PARA SER CONSTRUIDO EM SINTRA E, LOGO EM SEGUIDA, PROMETIDO PARA CASCAIS



2003 Guggenheim no Parque Mayer

O caso durou quatro anos, ao fim desse período aconteceu o esperado: o projeto encomendado a Frank Gehry para o Parque Mayer, em Lisboa, foi para a pilha dos arquivados. Com ele se evaporaram os 2,9 milhões de euros que a maqueta custou à EPUL, empresa encarregada pelo então presidente da autarquia Santana Lopes de reabilitar o espaço à beira da Avenida da Liberdade. O premiado arquiteto canadiano projetara para aquele "local mágico", como o próprio o definiu, um bairro futurista, com dois blocos de 60 apartamentos, um casino, um hotel com 82 quartos e um restaurante na cobertura, quatro teatros — um com 800 lugares, dois com 400 cada e uma sala para teatro experimental com 200 —, um

cinema, um clube de jazz, um museu e uma mediateca. Falou-se de 70 a 100 milhões para a execução do projeto, as obras deveriam iniciar-se em 2005 e terminar cinco anos depois. Mas, em 2007, depois da polémica habitual que as novidades implicam e da suspeição levantada à volta do contrato milionário, António Costa, a dias de se tornar presidente da Câmara, prometeu: "O tempo não volta para trás. Não vamos ter o Parque Mayer dos anos 30, 40 e 50, mas também não vamos ter projetos megalómanos." Ponto final.

2006 Torres de Alcântara

Uma torre cilíndrica, outra em forma de pirâmide e outra como uma lâmina. A altura ultrapassaria o tabuleiro da Ponte 25 de Abril, te-

riam 105 metros cada uma. O projeto proposto pelo grupo SIL seria desenvolvido em 4,5 hectares da zona ribeirinha de Alcântara, representaria um investimento de 160 a 180 milhões de euros e incluiria seis edifícios mais baixos, destinados a habitação, escritórios e comércio, a erguer junto da Avenida da Índia. A construção das torres com 35 pisos estava praticamente em marcha, o projeto tinha o selo de garantia do arquiteto Siza Vieira, que trabalharia com Luís Mendes e Carlos Castanheira, e, mais do que isso, ganhara o convencimento do presidente da Câmara Santana Lopes, que ao ver a maqueta sentenciara: "O meu termómetro político diz-me que isso vai ser um sucesso." Mas havia que alterar o Plano Diretor Municipal, considerar o impacto na cidade. E levantou-se um coro de protestos e algumas vozes de apoio. Os responsáveis ameaçaram: se os 104 mil metros quadrados de área a construir não assumirem a forma de torres, terão de se traduzir em 13 edifícios com 25 metros de altura cada um. Mas o coro ganhou.

2000, 2004 Fantasias

Estes projetos que ficam na gaveta têm um denominador comum: são quase sempre os maiores do país, quando não são anunciados como os maiores da Europa, ou mesmo do planeta. O "Fantasia Park" não foge à regra, ia ser "o maior complexo de turismo e lazer do país e um dos melhores parques temáticos do mundo". Na altura, o responsável pela sua conceção e construção, John Collins, de uma família inglesa ligada a espaços do género há mais de um século, explicou publicamente qual era a sua ideia: "Os visitantes vão viver, de uma forma romântica, o ambiente histórico da época em cada uma dessas zonas do planeta, através de um enquadramento que permitirá à imaginação de cada um reinventar quotidianos, experiências, aventuras... como quando se vê um filme, ou se lê um livro. É uma forma de comunicação, tal como a *media*". E contaria ainda com restaurantes, bares, esplanadas, discotecas, lojas de artesanato, uma área de retalho, um complexo de cinemas e um hotel. Primeiro, a empresa Cameron Hall Developments fez a proposta à Câmara de Sintra. Apresentou um investimento de 300 milhões de euros que criaria 1800 postos de trabalho, e levaria ao município quase milhão e meio de visitantes por ano, e a autarquia encantou-se com os números, escolhendo o Campo Raso para edificar o parque alusivo aos Descobrimientos portugueses. Anos passados e nada feito, surgiu Cascais a anunciar que, afinal, o dito espaço de turismo e lazer seria construído no seu concelho, em Trajouce, num terreno de 50 hectares para onde estivera previsto o hospital. Agora, o custo era de 125 milhões de euros, os restantes números eram idênticos à proposta para Sintra que, se se tivesse concre-

tizado, estaria ali a funcionar desde 2006. Em Cascais, o arranque das obras estava previsto para 2004 e a inauguração para 2007.

2009 A fábrica de painéis solares

As últimas novidades sobre este megaprojeto de Alexandre Alves, ao contrário do que seria de esperar, não são sobre a inauguração. Em maio, soube-se de um processo movido por uma empresa que se fartou de esperar pelo pagamento dos seus créditos; em junho, o empresário também conhecido por “Barão Vermelho” anunciou ter assegurado um financiamento junto da banca estrangeira; no mês de agosto, noticiou-se que a Câmara de Abrantes resolvera prorrogar por 15 dias o prazo para a entrega de garantias da conclusão do empreendimento, de modo a evitar a caducidade da licença da obra. Todavia, em termos de construção, pouco se vê num terreno com 82 hectares de área, em Pego, Abrantes. E nesta altura já devia estar a funcionar — aliás, o início da laboração estava previsto para janeiro de 2010. Mas de que megaprojeto falamos? Da RPP Solar (Rene-

wable Power Projects Solar) e de um investimento de 1072 milhões de euros que traria à luz do dia cinco fábricas — silício, *ingots*, *wafers*, células e módulos — que criariam 1900 postos de trabalho até 2012. O povo costuma dizer que o que nasce torto tarde ou nunca se endireita. Este caso tem, por isso, um prognóstico muito reservado, já que o primeiro passo para a concretização do negócio gerou de imediato um coro de vozes reprovadoras contra o facto da autarquia ter comprado o terreno por 663 mil euros, um valor muito acima do mercado, para o “oferecer” ao empresário sem qualquer garantia de devolução se o projeto não se concretizasse e, curiosamente, desde o início que o investimento é apelidado de “demasiado ambicioso”... O Governo declarou o empreendimento Projeto de Interesse Nacional e, no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional, financiou-o em 129,7 milhões de euros.

2010 Cidade do Futuro

O mais recente projeto que parece estar por um fio, quase a tombar para o arquivo, é o “PlanIT Valley”, em Paredes, no valor de 10 mil milhões de euros. O início estava previsto

para setembro de 2010, a ideia era fazer de 1680 hectares de terreno uma cidade ultramoderna, equipada com uma rede de milhões de sensores, comandada por um sistema similar ao cérebro humano, que proporcionaria uma completa interatividade entre os seres vivos e os inanimados. Anunciou-se que, dentro de quatro anos, mais do dobro da população do concelho, ou seja, 225 mil pessoas, estaria ali a residir. “Nas próximas semanas vamos ter novidades que vão abrir muitas bocas de espanto”, disseram ao Expresso há um ano. “O que menos me preocupa são as datas. As coisas estão a concretizar-se. Entre a agência municipal e a Living PlanIT já passámos por uma carta de intenções, um memorando de investimento. Agora já assinámos um contrato de investimento, como resultado de dois anos de trabalho”, dizia ao “Público”, no passado mês de março, o presidente do município, Celso Ferreira, que, há dias, reafirmava a sua crença no projeto, cuja empresa promotora diz ser um “laboratório vivo”, a primeira de uma nova geração de cidades inteligentes que começará a construir pela Terra. Quem sabe? ■

anatario@expresso.imprensa.pt

MOSTRA DE SABORES DE SINTRA

11, 12 E 13 DE NOVEMBRO DE 2011

Adega Visconde Salreu
- Colares -

Horário: Sexta-feira - das 18H00 às 23H00

Sábado - das 12H00 às 23H00

Domingo - das 12H00 às 23H00



Informações: www.cm-sintra.pt
www.sintraromantica.net
dtur@cm-sintra.pt

TURISMO DE
PORTUGAL

Turismo
de
Lisboa

Sintra
Capital da Romantização

PATRIMOINE MONDIAL
WORLD HERITAGE
PATRIMONIO MUNDIAL

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL